Sobrevoo nas costas do céu



» JOSÉ SARNEY
Ex-presidente da República, escritor e imortal da Academia Brasileira de Letras

Quando fiz a minha operação de vesícula, em 2001, escrevi um artigo *Adeus à minha vesícula*, dizendo que ela nunca tinha me dado nenhum sinal de que existia, nem de que tinha pedras e, de repente, aparecera com aquela surpresa, fazendo-me acordar o Dr. Raul Cutait na madrugada, e ele levar-me, de urgência, ao Hospital Sírio-Libanês, onde fui operado.

Não senti muita falta dela, que, como disse, nunca me dera sinal de sua existência. Graças a Deus, após a cirurgia, ganhei ainda alguns anos aqui na Terra.

Agora fui surpreendido por uma coisa mais grave, que me levou a fazer um sobrevoo nas costas do Céu: depois de um almoço, no qual não tinha exagerado na comida, nem sentido nada, comecei a ter uma forte dor, que foi aumentando cada vez mais. Disse-me depois o médico que essa é a dor mais violenta que se pode sentir.

Finalmente, deram-me o diagnóstico de uma oclusão intestinal, que me levou a ser operado de emergência, depois de uma discussão entre os médicos se deviam usar uma desobstrução convencional ou iniciar um procedimento cirúrgico, apesar do risco da anestesia nesta minha idade — sempre boa!

A opção de levar-me para São Paulo foi imediatamente descartada, porque o tempo implicava correr um risco maior. Finalmente, a equipe maranhense demonstrou sua grande capacidade, e o Dr. Roberto Cunha, exímio cirurgião nos seus 42 anos de idade, teve absoluto sucesso na intervenção. Evidentemente, mais do que a mim que, anestesiado após ser consumido por uma dor lancinante, não sentia nada, essa intervenção causava uma preocupação grande a todos os meus familiares, que tiveram de decidir às pressas um assunto tão grave, enfrentando seus riscos.

Sempre gozei de boa saúde. Atravessei várias doenças sobranceiramente, mas esta impediu-me de continuar fazendo aquilo que nunca tinha interrompido: a publicação de meus artigos semanais em jornais, cerca de 2 mil: já são sete volumes de *Crônicas do Brasil Contemporâneo*, coletâneas desse trabalho que tanto gosto me dá, que é o de fixar o cotidiano através da crônica diária.

Espero que a falta que senti não tenha sido só minha, mas também dos meus leitores, que se acostumaram, às sextas-feiras, a estar juntos comigo, nas páginas do **Correio Braziliense**, no meu Instagram, no portal *Metrópoles* e em outros jornais em que se publicam os meus textos semanais.

Agora retomo essa rotina. Espero continuar na próxima semana. Se Deus quiser. Mas hoje serei breve. Já o Pe. Vieira dizia: "Esto brevis et placebis.": "Sê breve e agradarás sempre."

Enquanto isso, aconteceram muitas coisas. A maior delas, que me deu grande satisfação, a vitória do Lula, que foi alavancada pelo povo, uma vez que todas as pesquisas previam uma desvantagem sua.

A Guerra no Irã continua. A de Gaza, também. A da Ucrânia persiste, apesar da intensidade diplomática. Mas o Trump perdeu as eleições de meio de mandado. Uma vitória que leva o mundo a esperar que vá haver certa descompressão dos arroubos do presidente dos Estados Unidos. E o Brasil continuará, sem dúvida, as exportações para os Estados Unidos sem as tarifas absurdas impostas por eles.

A verdade é que o mundo gira, e a gente sempre tem vontade de invocar Carlos Drummond de Andrade, quando diz: "Se eu me chamasse Raimundo, seria uma rima, não uma solução".

Eu fiquei muito mais feliz porque a nossa democracia mostrou, mais uma vez, o quanto é forte, que veio para ficar e permanecer, vencendo crises e abrindo caminhos.

Fui o presidente da República que restaurou as eleições diretas para todos os cargos do Executivo e do Legislativo, enviando as proposições decisivas ao Congresso Nacional. Não sei a opinião do presidente Lula sobre este ponto, mas o presidente Fernando Henrique, que articulou a reeleição no Congresso, disse-me acreditar que cometera um erro: melhor seis anos de mandato, sem reeleição.

Tocqueville, que escreveu um tratado célebre sobre a democracia americana, afirmou que todas as instituições criadas pelos Estados Unidos foram boas, com exceção da reeleição, porque o eleito já assume pensando nela.

Mas isso é assunto para a próxima reforma política, que deve vir, com o voto distrital misto, para o qual apresentei projeto em 1963, quando eu era deputado federal.



Maurenilson/CB

Brasília precisa manter uma ligação aérea direta com os Estados Unidos



» PACO BRITTO
Secretário de Relações Internacionais do Governo do Distrito Federal

A GOL anunciou que suspenderá, a partir de fevereiro de 2027, os voos sem escalas de Brasília para Miami e Orlando. Com a medida, a capital do Brasil ficará sem ligação aérea direta com os Estados Unidos. Defendo que o Distrito Federal comece desde já a negociar a continuidade de, pelo menos, uma dessas rotas. Se a suspensão se confirmar, o trabalho deve prosseguir para viabilizar a retomada.

Brasília é sede dos Poderes da República e abriga mais de 130 embaixadas, além de organismos internacionais. Uma ligação direta facilita as viagens de famílias, estudantes e empresas brasileiras e torna mais simples a chegada de missões, investidores e visitantes estrangeiros à capital.

A redução dessa conectividade pode repercutir em toda a cadeia produtiva do Distrito Federal: hotéis, restaurantes, bares, comércio, agências de viagens, operadores turísticos, transporte, eventos e até a agricultura e os produtores que abastecem esses estabelecimentos. Menos visitantes podem significar menor circulação de renda, menos oportunidades de negócios e pressão sobre empregos em diferentes setores. Preservar a rota, portanto, também é fortalecer o turismo e a economia regional.

O Aeroporto Internacional de Brasília — Presidente Juscelino Kubitschek é o único aeroporto brasileiro com voos diretos e regulares para todas as 26 capitais estaduais do país. Em 2026, durante a Copa do Mundo, a própria GOL escolheu Brasília como seu principal ponto de distribuição de voos para os Estados Unidos naquele período e ampliou a oferta para Miami e Orlando. O terminal também liderou o ranking mundial de pontualidade da Cirium entre aeroportos de médio porte em julho de 2026. Essa posição estratégica amplia o potencial de passageiros das rotas internacionais, pois permite que viajantes de diferentes regiões do Brasil utilizem Brasília como ponto de conexão para os Estados Unidos. A manutenção desses voos, portanto, transcende o interesse regional e contribui para a conectividade internacional do país.

Temos uma razão adicional para agir agora. Brasília será uma das sedes da Copa do Mundo Feminina de 2027 e receberá um jogo da Seleção Brasileira no Estádio Nacional em 4 de julho. O torneio torna mais urgente discutir como receber delegações e torcedores. A escolha de uma rota regular, por sua vez, precisa considerar a demanda ao longo de todo o ano.

A GOL atribuiu os ajustes na malha à alta do querosene de aviação. Essa pressão de custos deve fazer parte da negociação. A Secretaria de Relações Internacionais pode articular uma rodada com a Inframerica, a GOL, outras companhias interessadas, o governo federal e o setor produtivo. O primeiro passo é reunir dados de passageiros, ocupação e custos para comparar as rotas e avaliar quais frequências podem se sustentar. Miami merece atenção pelas conexões para outras cidades americanas. Orlando também deve estar na mesa pela demanda turística.

Ainda há tempo para buscar uma solução antes da suspensão anunciada. O Distrito Federal deve aproveitar essa janela e levar às companhias uma proposta concreta para manter pelo menos um voo regular sem escalas entre Brasília e os Estados Unidos. Preservar essa ligação facilita a vida de quem viaja e melhora as condições para a capital receber visitantes e fazer negócios.

Manter Brasília conectada diretamente aos Estados Unidos não é apenas preservar uma rota aérea. É fortalecer o papel da capital federal como centro político, diplomático, econômico e de integração nacional.

Educação em tempo integral exige medir mais que horas e notas



» BRENDA PRATA
Especialista de advocacy do Instituto Ayrton Senna

» MARIA HELENA GUIMARÃES
Titular da Cátedra Instituto Ayrton Senna

Em seu primeiro discurso após a reeleição, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva anunciou o compromisso de universalizar a escola de tempo integral até o ensino médio. A promessa recoloca uma pergunta importante: como garantir que mais tempo na escola represente, de fato, mais oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento?

Essa é uma ambição ainda mais ampla do que o Plano Nacional de Educação (2026–2036) estabelece como meta: chegar a pelo menos 50% dos estudantes, em 65% das escolas públicas, até o fim de sua vigência. Expandir a jornada tem potencial para enfrentar desigualdades, oferecer apoio a quem enfrenta dificuldades e abrir espaço a experiências que nem sempre cabem em um turno. Mas existe uma armadilha: transformar a quantidade de horas na principal medida de sucesso.

O tema ganha força às vésperas do Enem, que passa a integrar o Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), ampliando o uso de seus resultados para o monitoramento educacional. Em 2027, o Inep prevê divulgar resultados por redes e escolas, quando cumpridos os critérios de participação. A medida pode enriquecer o diagnóstico da aprendizagem. Mas também torna urgente discutir o que esses resultados permitem concluir e o que não mostram. Resultados de provas, sozinhos, não contam toda a história da educação que os estudantes receberam.

A legislação brasileira e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) apontam para uma formação integral, que envolve, além dos conhecimentos acadêmicos, pensamento crítico, criatividade, autonomia, empatia e cooperação. Se queremos oferecer uma formação que vá além dos conteúdos acadêmicos, precisamos compreender não apenas o que os estudantes aprendem, mas também quais oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento as escolas proporcionam.

Essa é uma questão que o Instituto Ayrton Senna tem levado ao debate: avaliar o que os estudantes aprenderam não é o mesmo que avaliar a qualidade da educação que crianças e jovens tiveram a oportunidade de vivenciar.

Para compreender a qualidade da oferta, precisamos olhar para o cotidiano escolar. Nas aulas de ciências, os alunos podem testar hipóteses e investigar problemas? Em matemática, recebem orientações que os ajudam a entender seus erros e persistir? Há espaço para discutir ideias, trabalhar em grupo e tomar decisões? Os professores têm formação, materiais e tempo para planejar? Os estudantes se sentem seguros para participar e pedir ajuda? Estão se sentindo pertencentes à escola?

O próprio PNE estabelece a necessidade de desenvolver indicadores de qualidade da educação integral que considerem a integração curricular, a intencionalidade pedagógica, o bem-estar e o engajamento dos estudantes. E o Saeb já produz questionários contextuais que podem ser mais bem explorados. A tarefa é integrar essas informações a observações de práticas, registros pedagógicos, pesquisas e escuta de professores e alunos, respeitando os limites de cada instrumento. Ampliar a compreensão sobre qualidade não significa transformar tudo em nota ou criar mais provas.

Imagine uma turma com dificuldades em matemática. O resultado do teste deve desencadear perguntas: quais conteúdos não foram compreendidos? Que apoio os estudantes receberam? Que recursos faltaram? O que a secretaria pode oferecer? A resposta pode envolver formação docente, materiais, mudanças no planejamento e acompanhamento dos avanços. A avaliação cumpre melhor sua função quando retorna às escolas como capacidade de ação, não apenas como classificação.

Avanços científicos têm ampliado as possibilidades de avaliar diferentes dimensões do desenvolvimento dos estudantes. É importante que o Brasil incorpore essa perspectiva ao aperfeiçoamento de seus sistemas de avaliação, reconhecendo que aquilo que avaliamos também influencia o que é ensinado nas escolas.

Quando a nota se torna a principal referência de sucesso, há o risco de concentrar o ensino no que é cobrado nas provas, deixando em segundo plano outras experiências educativas. Português e matemática são essenciais, mas não esgotam as aprendizagens necessárias à formação integral.

A expansão do tempo integral é uma oportunidade importante para o país. Seu sucesso, porém, não deveria ser medido apenas por horas, matrículas ou notas. Se queremos uma educação integral de qualidade, precisamos acompanhar o que os estudantes aprendem, quais experiências vivem e como as políticas criam condições para que isso aconteça.